

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na USP: reflexões para o estabelecimento de uma política de desenvolvimento de coleções

Eliane Kano

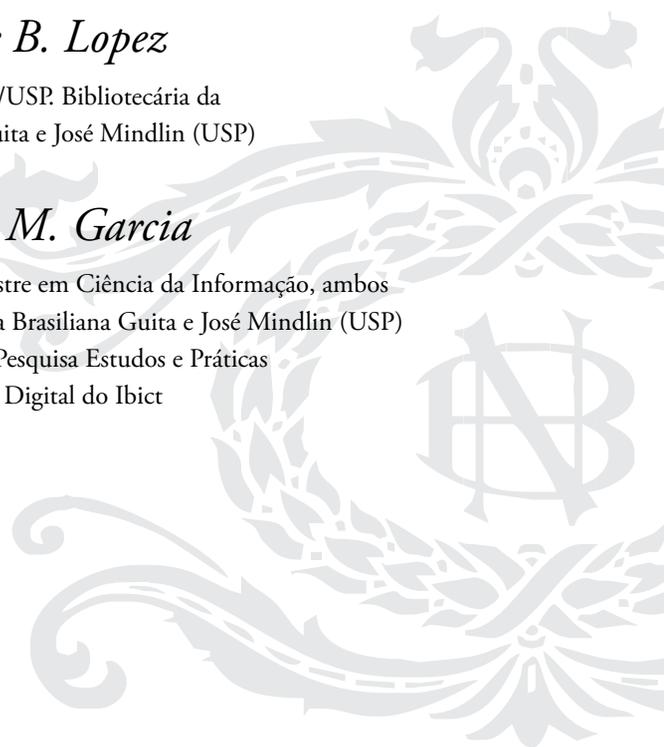
Bibliotecária pela FESPSP

Jeanne B. Lopez

Graduada pela ECA/USP. Bibliotecária da
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

Rodrigo M. Garcia

Graduado em Biblioteconomia e mestre em Ciência da Informação, ambos pela Unesp. Bibliotecário na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) e membro do Grupo de Pesquisa Estudos e Práticas de Preservação Digital do Ibiict





Resumo

Aborda a coleção Mindlin, parte fundadora da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo (BBM/USP) – constituída ao longo dos anos pelo bibliófilo que lhe dá nome – e a necessidade de se estabelecer critérios e definir uma metodologia para o desenvolvimento das coleções do acervo. Com o apoio de referencial teórico-empírico, discute e elenca os desafios para a elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções que leve em consideração o atual contexto, as vertentes e a sua função na Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Políticas de desenvolvimento de coleções. Obras raras. Biblioteca especializada. Biblioteca universitária.

Abstract

This paper discusses the Mindlin Collection, the cornerstone of Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin at the University of São Paulo (BBM/USP), which was amassed over the years by bibliophile José Mindlin, and the need to establish criteria and define a methodology for the development of the collections of the library. With the support of theoretical and empirical references, the present paper discusses and lists the challenges to the elaboration of a collection development policy that takes into account the current context and trends, as well as its role in the University of São Paulo.

Keywords: Collection development policy. Rare works. Specialized library. University library.



Introdução

O presente trabalho, de natureza teórico-empírica e de nível exploratório, surge da necessidade de se estabelecer critérios e definir uma metodologia para o desenvolvimento das coleções do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), formada ao longo de mais de 80 anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita e que, desde o ano de 2013, é uma unidade acadêmica da Universidade de São Paulo (USP).

Inaugurada há pouco mais de três anos, todos os esforços, até o momento, têm sido dados para o tratamento e organização do acervo já doado por Mindlin. No entanto, a partir de agora é preciso pensar a longo prazo, e planejar como se dará o desenvolvimento do acervo nos próximos anos. Visto que ainda não existe um documento sobre políticas de desenvolvimento de coleções para a BBM até o momento, pensou-se em propor, a partir de um referencial teórico já existente, parâmetros para a sua formação e assim garantir a continuidade da manutenção do acervo, como uma biblioteca dinâmica, porém dentro de suas especificidades. Neste sentido, pergunta-se de que maneira é possível produzir um documento que possibilite integrar, por meio de aquisições e doações, novas obras ao acervo.

Desde que se tornou uma biblioteca inserida em uma universidade pública, foi preciso refletir, repensar e planejar com o propósito de adequar as suas funções aos objetivos que cabem à sua existência: a preservação da coleção, previsto no artigo 23, inciso III da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1998), em que rege que é de competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios “proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural [...]”, assim como o atendimento à comunidade, garantindo o acesso e o uso irrestrito e efetivo de seu acervo, em consonância e contribuindo para o tripé fundamental e indissociável da Universidade, disposto no artigo 207 da Constituição do Brasil: o ensino, a pesquisa e a extensão.

O trabalho abordará como a coleção foi formada ao longo dos anos pelo bibliófilo, a fim de identificar e compreender os critérios adotados para o seu desenvolvimento. Também descreverá brevemente o cenário atual da instituição, seus problemas, desafios, metas e objetivos dentro do contexto acadêmico e cultural em que se encontra.

Finalmente, serão apresentadas algumas propostas para que se estabeleça o processo de desenvolvimento de coleções na Biblioteca considerando a base teórica e a realidade presente, sendo apenas uma abordagem inicial.

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

A coleção foi formada ao longo de mais de 80 anos pelo bibliófilo José Mindlin, que doou generosamente seu acervo à Universidade de São Paulo em 2006. Em março de 2013, foi inaugurada com o nome de Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) em um edifício construído especialmente para abrigar a sua coleção na Cidade Universitária, que fica no *campus* da USP de São Paulo.

Possui cerca de sessenta mil volumes que abrangem diversas áreas de estudos brasileiros: obras da literatura brasileira, relatos de viagens, manuscritos históricos e literários (originais e provas tipográficas), periódicos, livros científicos e didáticos, iconografias (estampas e álbuns ilustrados) e livros de artistas, entre outros documentos.

Conta com um expressivo acervo (principalmente de livros da Imprensa Régia no Brasil) que pertencia ao ilustre bibliotecário, bibliófilo, professor e pesquisador Rubens Borba de Moraes, doado ao casal Guita e José Mindlin após seu falecimento.

A arquitetura do edifício permite que as pessoas possam visualizar as estantes pelo saguão do prédio, e consultar o acervo por solicitação via preenchimento de formulário de requisição (BIBLIOTECA..., 2021a). Os usuários também podem ter acesso a parte das publicações digitalizadas e disponíveis na biblioteca digital (BIBLIOTECA..., 2021b). A Biblioteca, porém, possui acesso restrito às obras, o que é justificado pelo fato de conter livros raros e especiais.

O público-alvo são pesquisadores de estudos brasileiros e também das mais diversas áreas, graduandos e pós-graduandos da USP e de outras instituições nacionais e internacionais, além do público em geral. Está vinculada à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária – PRCEU (2021), e se intitula como uma entidade acadêmica e centro interdisciplinar de documentação da USP, que tem como compromisso assegurar a preservação e longevidade do acervo, garantindo o acesso às coleções, assim como promover a pesquisa e difusão científica de estudos de assuntos brasileiros e áreas correlatas (USP NORMAS, 2016).

Reconhecido por ser o proprietário da mais importante coleção particular sobre o Brasil, José Mindlin adquiria seus livros analisando e buscando em catálogos e bibliografias o que lhe interessava; em visitas a bibliotecas; livrarias e sebos de diversas partes do mundo; leilões e doações de amigos e pessoas com quem tinha alguma relação ou vínculo relacionado à bibliofilia (autores, editores e pesquisadores renomados).

Por diversas vezes, Mindlin declarou que nunca planejou montar uma biblioteca. A formação das coleções desenvolveu-se através dos assuntos que lhe

atraíam: eram muitos. No entanto, o seu interesse mais constante era a respeito de temas brasileiros, especialmente literatura, história e viagens.

A primeira aquisição de um livro por conta de sua antiguidade se deu aos treze anos de idade: uma edição portuguesa de 1740 do *Discurso sobre a História Universal*, de Bossuet. José Mindlin tinha a percepção de que, por se tratar de uma obra antiga, seria rara. Ao longo dos anos, porém, passou a ter uma compreensão maior a respeito, algo que descreveu em seu relato:

“Depois aprendi que a idade do livro em si não tem tanta importância. O que importa é o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico da edição. E muitos outros fatores [...]” (MINDLIN, 2008, p. 50).

A atração por obras sobre o Brasil despertou ainda na adolescência, depois da leitura de um livro presenteado por uma tia e intitulado *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador e lançado em 1918. A partir da leitura da bibliografia dessa obra, surgiu o desejo de iniciar a formação de uma biblioteca (MINDLIN, 2008).

Para José Mindlin, não havia uma definição clara do que seria um livro raro, conforme ele mesmo diz:

O livro pode ser raro, por exemplo, por terem sido impressos pouco exemplares, ou por não se terem conservados os que se imprimiram, pelo interesse do texto, por ser uma primeira edição ou por ter uma revisão do próprio autor. As razões são muitas, e além de algumas específicas, cada colecionador tem suas próprias motivações [...]. (MINDLIN, 2004, p. 29).

Afirmava que, embora caracterizasse sua biblioteca como indisciplinada, isso não significava que ele deixava de usar critérios na busca e na aquisição dos livros. A indisciplinada em questão estava no fato de, muitas vezes e, por algum motivo, ele não seguir rigorosamente nenhuma vertente, pois acreditava que “os livros foram feitos para nós, e não nós para os livros” (MINDLIN, 2008, p. 135).

O que atraía o bibliófilo, além do texto, eram a ilustração; a tipografia; a diagramação; as dedicatórias; as encadernações; as edições com variantes e a raridade. Além destes parâmetros, considerava: os autógrafos; os manuscritos literários; os documentos históricos e as cartas. Tudo que se relacionava com os livros e seus autores, enfim (MINDLIN, 1999).

De modo geral, ele procurou, no curso da formação de sua biblioteca, seguir quatro grandes vertentes: a primeira, sobre assuntos brasileiros que incluíam literatura (prosa e poesia), história, relatos de viagens, crítica literária e ensaios em geral, filologia, obras de missionários, almanaques, revistas e, em

menor escala, medicina, história natural, botânica e zoologia; a segunda sobre literatura geral; a terceira a respeito de livros sobre arte; e a quarta, os livros como objetos (obras) de arte (qualidade da tipografia, diagramação, ilustração, encadernação, etc.).

Ao longo dos anos, a biblioteca foi sendo atualizada com diversas obras correntes, além dos itens raros e especiais. Acredita-se que cerca de oito a dez mil sejam obras raras ou especiais e, destes, dois mil sejam os mais raros (MINDLIN, 2008).

Percebe-se, notadamente, que o bibliófilo constituiu e formou sua biblioteca de maneira qualitativa e de forma ordenada, pois a seleção de itens, embora “indisciplinada”, era guiada por critérios objetivos e com o propósito de torná-la uma Brasileira de importância histórica, literária e social.

A biblioteca localizava-se em edifício anexo à casa de Mindlin no bairro do Brooklin em São Paulo. Parte do acervo, porém, também era acomodada na residência oficial. O tratamento e a organização bibliográfica das obras eram realizados por um funcionário (não bibliotecário) e arranjadas por grandes temas: Jesuítas, Viagens, Literatura, História, Artes, etc. Procurava-se manter próximas as obras de mesma autoria, ou as várias edições de uma mesma obra, ou ainda, a organização baseava-se pelo tamanho dos exemplares. Havia um catálogo rudimentar tanto em fichas, como em base WinISIS.

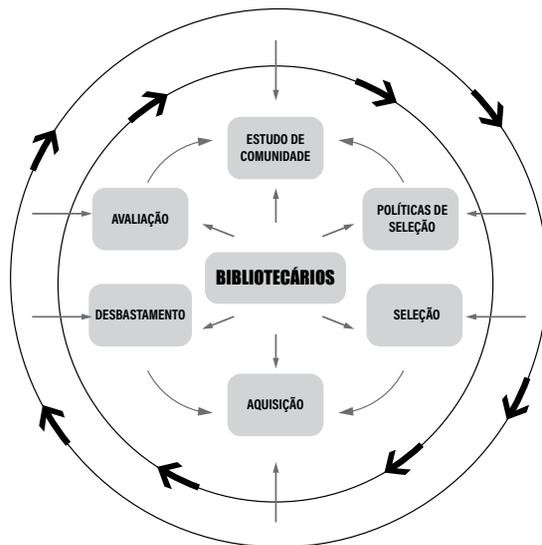
Esses critérios de organização não se baseavam nas regras, convenções e códigos da Biblioteconomia, refletindo, basicamente, a idiossincrasia do bibliófilo. Essa organização estará representada estruturalmente no desenvolvimento do acervo e no estabelecimento da BBM na Universidade de São Paulo e na integração ao Sistema de Bibliotecas da USP, que adota padrões e normas que devem ser observados por todas as bibliotecas do Sistema.

Formação e desenvolvimento de coleções

Observa-se que o processo de formar e desenvolver coleções sempre esteve presente ao longo da história do livro e das bibliotecas. Da biblioteca de Alexandria às bibliotecas digitais, não há como formá-las e desenvolvê-las sem se deparar com questões próprias da natureza deste processo: o quê, por quê, para quê, como, para quem colecionar (WEITZEL, 2002 apud WEITZEL, 2012).

Nos dias atuais, a impossibilidade de armazenar tudo o que foi escrito e publicado no mundo em bibliotecas faz do processo de desenvolvimento de coleções uma estratégia, um mecanismo para viabilizar um espaço social que expresse os anseios de um segmento da sociedade ligado às suas necessidades informacionais (WEITZEL, 2006 apud WEITZEL, 2012).

Vergueiro (1989) aponta que esse desenvolvimento é constituído de etapas processuais, ou seja, vai além de selecionar e adquirir obras ou que cada uma delas possui o mesmo nível de importância. Elas são cíclicas e independentes. São seis as fases que compõem este processo: estudo da comunidade; políticas de seleção; seleção; aquisição; avaliação; desbastamento/descarte.



EVANS, 1979 apud VERGUEIRO, 1989.

É bastante comum encontrarmos em unidades informacionais parte deste processo em desenvolvimento de forma natural, considerando que algumas fases são essenciais para a existência do próprio acervo – como a aquisição. Desta maneira, é impossível atribuir um início ao desenvolvimento de coleções: este começa de forma intrínseca. Mesmo que algumas etapas existam antes até do planejamento, não podemos considerar que haja, de fato, um desenvolvimento de coleção, tendo em vista que este processo é muito mais reflexivo do que processual. Como já foi dito, ele possui partes independentes e de mesma relevância.

Partindo do pressuposto que desenvolver uma coleção é uma tarefa majoritariamente reflexiva, é essencial que seja produzido algum tipo de documento que contenha todas as ponderações, a fim de que o estabelecimento de regras esteja garantido, tendo em vista a maleabilidade do meio tácito. É de praxe que seja genericamente titulado de “políticas para o desenvolvimento de coleções”, que detalhará quem será atendido, quais parâmetros gerais serão adotados e com que critérios ela se desenvolverá (VERGUEIRO, 1989). A “política” também tem como objetivo servir de guia para a alocação de recursos e estabelecer relacionamentos entre a instituição, a coleção e seus usuários, funcionando como diretriz para a tomada de decisões.

Para que seja elaborada uma política como essa, é necessário levantar previamente alguns dados, tais como: o estado atual do acervo, a identificação da comunidade atendida e os recursos informacionais disponibilizados que não sejam os da própria coleção. No que diz respeito às indicações que a política deve sugerir, é fundamental que estejam elencadas as seguintes: que

material fará parte do acervo; quando e sob quais condições fará parte; as necessidades específicas; qual parcela da sociedade será atendida e, por fim, as condições a que se submetem cada item para o seu descarte/desbastamento. Deve-se, ainda, definir as responsabilidades das tomadas de decisões (VERGUEIRO, 1989).

Por mais normativo que esse documento possa ser, é fundamental que ele possua objetividade e seja adequadamente flexível, para que acompanhe as mudanças de contextos que poderão ocorrer ao longo do tempo. Desta forma, o desenvolvimento de coleções é pautado numa política que auxiliará e dará formalidade ao sistema. Como adaptar esse processo pensado aos acervos intrinsecamente informacionais e a uma coleção de obras raras e especiais? Quais implicações e conflitos surgem ao tentar inseri-lo em coleções que, mais do que a informação registrada, tratam da memória?

Desenvolvimento de coleções na BBM

Como órgão da PRCEU-USP, a biblioteca possui um diretor (docente da USP) indicado pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) com mandato de dois anos. Diversos fatores acabaram afetando a permanência, a gestão e a continuidade do planejamento da Direção da instituição. No setor de biblioteca (Acervo e Serviços), há três bibliotecários atuando em todas as demandas da biblioteca (Referência, Aquisição e Tratamento da Informação). A BBM ainda possui um Arquivo (também sob responsabilidade dos bibliotecários), Laboratórios de Conservação e Restauro e de Digitalização, além dos setores Administrativos e de Tecnologia da Informação.

A BBM possui um Regimento (USP NORMAS, 2016) que define a sua estrutura, constituída pelo Conselho Deliberativo (o órgão máximo da entidade), pela Diretoria, por um Comitê Acadêmico e por um Comitê Financeiro. O Regimento ainda define as finalidades da biblioteca, os recursos, entre outras disposições.

Desde 2013, a BBM faz parte do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) da USP, que é administrado pelo Departamento Técnico (DT-SIBi) vinculado à Reitoria da Universidade de São Paulo e é responsável por alinhar a gestão da informação e a produção intelectual e das bibliotecas da USP aos objetivos e funções da Universidade. Foi criado em 1981 e é composto pelo DT-SIBi, um Conselho Supervisor e 48 bibliotecas alocadas nas unidades de ensino e pesquisa, institutos especializados, museus e hospitais, distribuídos nos *campi* da USP localizados no estado de São Paulo.

A aquisição bibliográfica é realizada por meio do DT-SIBi, além de outras instâncias da Reitoria da USP que aprovam, realizam e validam os pregões, ou

seja, é centralizada e destinada a compra de diversas bases de dados nacionais e internacionais, periódicos (*print* e *on-line*) e livros correntes, demandados pelas unidades da universidade, conforme critérios preestabelecidos (a verba para aquisição é distribuída entre as bibliotecas conforme porte, número de usuários, entre outros). Não há uma modalidade de compra específica para obras raras ou especiais. No ano de 2014, a BBM obteve uma fração da verba destinada ao SIBi para obter livros novos. Sem uma política de seleção definida, optou-se por adquirir obras da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação (Gestão de Coleções, Conservação, Digitalização, etc.), bem como dicionários e outros materiais para o manuseio por pesquisadores e usuários na Sala de Consulta.

A biblioteca também recebe, esporadicamente, doações que constituem uma coleção Brasileira, ou seja, aquelas relativas ou sobre o Brasil e estudos brasileiros em geral, escritas por autores nacionais e/ou estrangeiros, publicados no país ou no exterior e em qualquer idioma, que estejam em bom estado de conservação. Neste caso, prioriza-se a relevância histórico-cultural e a idade cronológica da obra.

É importante lembrar que nas aquisições, seja por compra ou por doação, as peças são identificadas como Acervo BBM/USP, ou seja, não pertencem ao material (coleção fundadora) doado por José Mindlin. Optou-se por esta classificação com o intuito de preservar a memória histórica do acervo Mindlin, permitindo a identificação das obras que pertenceram ao bibliófilo e aquilo que foi incorporado posteriormente à sua doação para a USP. Além disso, os livros que lhe pertenciam possuem o ex-libris “Je ne fay rien sans Gayeté”⁷⁷ e os do acervo da BBM/USP recebem uma identificação na papeleta (número de chamada).

Um dos especialistas em pesquisa contribui, junto com a equipe de bibliotecários, para a seleção e aquisição das doações.

Propostas para o estabelecimento de políticas de desenvolvimento de coleções na BBM

Considerando a BBM agora uma biblioteca pública estabelecida em uma Universidade, é de atribuição dos bibliotecários refletir sobre sua política de desenvolvimento de coleções, uma vez que apenas os critérios do doador não são mais possíveis. A política então deve ser um guia que norteará o desenvolvimento e crescimento do acervo, sua atualização e completude.

Embora tenha sido amplamente consultado por pesquisadores de todo o mundo ao longo do tempo, somente há três anos o acervo faz parte de um ambiente inteiramente acadêmico. A BBM está vinculada à cultura e extensão

da universidade, devido a sua relevância social. A instituição não apenas é um centro interdisciplinar de documentação relacionado à memória histórico-cultural do Brasil, mas também uma entidade acadêmica voltada para a pesquisa e a difusão científicas de estudos brasileiros. Diante destas vertentes e contexto, devemos pensar o desenvolvimento de suas coleções.

Considera-se que a elaboração de uma boa política requer a análise e o estudo de dados relacionados à comunidade a ser servida e do acervo já existente, com a avaliação dos pontos fortes e fracos. Por meio desse diagnóstico, a próxima fase seria a determinação de regras que nortearão todo o processo de formação e desenvolvimento das coleções, após aprovação pelo Conselho Deliberativo.

Desta forma, para a elaboração de políticas que exigem diversas tomadas de decisão, podem ser adotados os seguintes procedimentos: designação dos responsáveis pelo processo de seleção ou criação de uma comissão formada por bibliotecários e especialistas; indicação do tipo de material para compor o acervo; definição dos assuntos que farão parte da biblioteca; estabelecimento de critérios e prioridades que nortearão inicialmente o processo de seleção e aquisição. A fim de atender às múltiplas funções, no contexto em que se insere, a política de desenvolvimento de coleções da BBM deverá abranger duas vertentes principais que caracterizam seu acervo: a Brasileira (e/ou Brasileira¹) de obras correntes e a Brasileira de obras raras e especiais. As obras raras, além de oferecerem suporte informacional, carregam a memória e a sua própria história (encadernação, tipografia, ilustrações, tipo de papel, anotações), ou seja, enquanto objeto traz consigo sua informação bibliológica.

Pinheiro (1989, apud RODRIGUES, 2006) propõe os seguintes aspectos para a seleção de obras raras e especiais:

- Limite histórico: verificar, por exemplo, os períodos que caracterizam a produção artesanal de impressos, bem como a fase inicial da imprensa em determinado lugar;
- Aspectos bibliológicos: identificar características, tais como a presença de ilustrações produzidas artesanalmente e os materiais utilizados na confecção do suporte: o tipo de papel, o emprego de pedras ou de materiais preciosos na encadernação;
- Valor cultural: observar as publicações com pequenas tiragens, personalizadas, censuradas, expurgadas, primeiras edições, etc.;

1. “[...] colecionadores especializados tendem a entender como Brasileira tudo o que está descrito na alínea a, e quase tudo o que está previsto na alínea b” do artigo 3º, inciso IX da Instrução Normativa nº 01, 11 de junho de 2007, do IPHAN (PINHEIRO, 2010). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/files/Instrucao_Normativa_Negociantes_012007.pdf

- Pesquisa bibliográfica: existem dicionários e enciclopédias bibliográficos especializados nesse tipo de publicação que apontam certas peculiaridades da obra, como a preciosidade e a raridade;
- Características do exemplar: examinar aspectos particulares do exemplar que se tem em mãos, como a presença de autógrafo ou a dedicatória de personalidades importantes, marcas de propriedade, entre outras.

Outras medidas relacionadas ao processo de desenvolvimento de coleções devem ser definidas, como:

- Avaliação da coleção para identificação das obras raras e especiais, baseada nos critérios citados acima, o que facilitará o processo de seleção de outras obras raras a serem incorporadas ao acervo;
- Estabelecimento de critérios para a compra de livros correntes e de atualização, considerando as necessidades informacionais do público. É fundamental o estudo do usuário e dos pesquisadores associados aos programas de pesquisa da BBM;
- Criação de um comitê técnico para avaliar e selecionar as obras (sobretudo as consideradas raras e especiais);
- Atuação conjunta de curadores e bibliotecários para analisar o que pode ser completado na coleção de obras raras e especiais, por meio do estudo do acervo, identificando os pontos fortes e fracos;
- Divulgação e acesso irrestrito das coleções. Para tanto, é imprescindível a incorporação contínua de obras do acervo na biblioteca digital e a elaboração de guias e *folders* explicativos;
- Criação de um Grupo para análise de modalidades de compra de obras raras e especiais e para verificação das possibilidades de aquisição desse tipo de material em instituição pública.

Ainda se fazem necessários mais estudos e pesquisas que complementem as medidas citadas acima e que não puderam ser contempladas neste trabalho.

Considerações finais

É inegável que o acervo formado por Mindlin possui grande valor para a universidade e, conseqüentemente, para a sociedade, com inegável potencial para promover pesquisas relacionadas à informação contida nas obras e ao próprio livro enquanto objeto de memória, graças ao seu valor histórico, social e cultural.

Coleções raras e especiais dentro de universidades são importantes no desenvolvimento de atividades ligadas ao ensino, à pesquisa e à extensão,

podendo servir como fontes e objetos. No primeiro caso, atendem às demandas informacionais na realização de trabalhos técnicos, científicos e culturais. Enquanto objeto de pesquisa, servem para que se compreenda a história do livro, das bibliotecas, da edição, dos autores, da leitura, das instituições e da comunicação, entre outras razões (ARAÚJO, 2015).

Portanto, é necessário que a política de desenvolvimento de coleções da BBM considere essas vertentes e contextos, compreendendo a importância da divulgação e do acesso a este acervo, tornando-o vivo e dinâmico. É imprescindível formalizar os critérios de forma clara e objetiva, para que sirvam como um guia aos que participarão do processo de seleção e aquisição de livros e de outros materiais, que serão futuramente incorporados à coleção, seja por doação ou por compra.

Por todas estas razões, uma política de desenvolvimento de coleções deve ser funcional e suficientemente específica para se tornar útil, mas sem complicações para se desenvolver; realista no que diz respeito aos recursos para aquisição; deve ser um guia prático para alocação desses recursos; e facilmente atualizada. A política de desenvolvimento de coleções mais proveitosa cobrirá não só o básico – pontos fortes e fracos do acervo e suas coleções e diretrizes para novas aquisições – mas também uma variedade de tópicos e questões para lidar com a administração, dirigentes, doadores e outras instituições (SMYTH, 1999).

Por fim, a concepção da biblioteca formada por José Mindlin será sempre mantida e levada em consideração nos processos de seleção e aquisição, sendo completada e atualizada como um acervo dinâmico e em crescimento. Ele formou sua coleção tomando como base as suas experiências, seus desejos, sua visão subjetiva e pessoal. No entanto, o desenvolvimento da biblioteca levará em consideração, daqui por diante, o contexto, as vertentes e a função para a qual a BBM está agora inserida e destinada, conciliando a preservação da memória histórico-cultural com o livre acesso.

Referências

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: BRUNNO V. G. Vieira; ALVES, Ana Paula Meneses (orgs). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 15-31.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 12 fev.2021.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Requisição de consulta. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/requisicao-de-consulta> . Acesso em: 05 jan. 2021a.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Conheça a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>. Acesso em: 05 jan. 2021b.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Biblioteca Nacional*. Ministério da Cultura. Obras Raras. Disponível em: <https://www.bn.br/explore/acervos/obrasraras>. Acesso em: 14 jul. 2016.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. *Bibliotecas como organizações*. Rio de Janeiro: Interciência; Intertexto, 2006. 94 p.

MINDLIN, José et al. *‘Não faço nada sem alegria’: a biblioteca indisciplinada de Guita e José Mindlin*. São Paulo: Museu Lasar Segall; Iphan; Minc, 1999. 72 p.

MINDLIN, José. *Memórias esparsas de uma biblioteca*: entrevista a Cleber Teixeira e Dorothée de Bruchard. São Paulo; Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado; Escritório do Livro, 2004. 125 p. (Coleção Memória do Livro; v. 2).

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros*: reencontro com o tempo. 4. ed. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, 2008. 231 p.

PRCEU. Disponível em: <http://prceu.usp.br/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Sobre a Coleção Brasileira da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/brasiliana.html>. Acesso em: 04 nov. 2016.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, abr. 2006. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S010019652006000100012>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SILVA, Fernando. *Critérios de seleção de obras raras adotadas em bibliotecas do Distrito Federal*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011. 79 p.

SMYTH, Elaine B. A Practical Approach to Writing a Collection Development Policy. *Rare Books & Manuscripts Librarianship*, Chicago, IL, Association of College and Research Libraries, v.14, n.1, p.27-31, 1999 (ISSN 0884-450X). Disponível em: <http://rbm.acrl.org/content/rbml/14/1/27.full.pdf+html>. Acesso em 02 nov. 2016.

USP Normas. *Resolução nº 7.167, de 16 de fevereiro de 2016*. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7167-de-16-de-fevereiro-de-2016>. Acesso em: 14 jul. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis, 1989. 96 p. (Coleção Palavra-chave).

VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). *Acervos especiais*: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. 134 p. (Coleção Memória da FCL, n. 3).

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. *Transinformação*, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862012000300003>. Acesso em: 14 jul. 2016.